

Em determinado dia de abril de 1973, por indicação do Dr. Eduardo Salvatore, presidente do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, o arquiteto, jornalista e fotógrafo Bóris Kossoy, que mantinha no suplemento literário do ESTADO DE S.PAULO página dedicada à "História da Fotografia", procurou Arnaldo Machado Florence em sua residência de Campinas, a fim de colher dados sobre o êxito obtido em 1832, nessa mesma cidade, por Hércules Florence, relativamente à invenção da fotografia. E pediu-lhe permissão para fotografar os documentos em seu poder, assim como lhe pediu cópia de palestras por ele realizadas em torno das pesquisas naquele longínquo ano coroadas do mais animador resultado. Kossoy pretendia dar, em sua citada página, a maior divulgação ao feito de Hércules Florence, se possível, com ilustrações.

O jornalista relatou, então, a Arnaldo, que, com o apoio do Professor Pietro Maria Bardi, Diretor do Museu de Arte de São Paulo "Assis Chateaubriand", em momento em que a fotografia ganhava terreno e alcançava seu merecido lugar no panorama das artes plásticas, surgia a oportuna iniciativa de, na tão importante instituição localizada na Avenida Paulista, fazer-se uma exposição sobre a "Fotografia no Brasil", necessitando-se, portanto, de documentos, fotografias e outros dados ilustrativos do acontecimento que teve por cenário Campinas, há 143 anos.

Em se tratando da divulgação das investigações de natureza científica, estudos e descobrimentos efetuados por seu bisavô, Arnaldo não hesitou um só instante em pôr à disposição do interessado o mais completo material que lhe pudesse ser útil e, não só isso, com o fito de ajudá-lo nos preparativos, compareceu ao imponente edifício em que tem sede uma das mais notáveis criações, que asseguram a este País, pelo seu precioso acervo em termos de Arte e pela direção permanentemente confiada ao Professor Bardi, cuja categoria se mede por sua projeção universal, uma das mais orgulhecedoras nomeadas. E pôde, dessa forma, colaborar, a fim de que a exposição alcançasse, como efetivamente aconteceu em junho de 1973, muito compensadora atenção por parte do público visitante, que, com efeito, percorreu, bastante interessado, os diferentes setores do recinto a ela consagrado.

Enquanto se preparava a exposição, teve o bisneto de Hércules, nos vários contactos com o Professor Bardi, o ensejo de facilitar-lhe o manuseio dos documentos para ali levados, sendo positivo que de modo particular chamou a atenção do diretor do museu o

diário descritivo da peregrinação científica a que se deu o nome de EXPEDIÇÃO LANGSDORFF, diário esse intitulado Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, contido em volume quase inteiramente manuscrito na língua do autor, ou seja, o francês.

Em sua condição de grande autoridade e profundo conhecedor da arte, com especialidade o que mais de perto se volta para o desenho e a pintura, sensibilizou-se favoravelmente o Professor Bardi com o que lhe foi dado ver e, em certo momento, perguntou a Arnaldo, ao proceder a novos exames da documentação:--"Você não gostaria de realizar uma exposição dos desenhos e pinturas de seu bisavô, aqui no museu?" A resposta foi de que, havia já algum tempo, o interpelado vinha procurando reproduzir tais desenhos em aguadas de nanquim e guache, com a intenção de expor suas reproduções em Campinas, quando se celebrasse a passagem dos 150 anos da partida da Expedição "Langsdorff" do Rio de Janeiro. Esclarecido o que de fato intentava fazer, ouviu do Professor Bardi esta exortativa ponderação:--"E por que essa sua exposição não se realiza aqui, no MUSEU DE ARTE? Como diretor do museu, posso ceder, para tanto, o salão principal, e reservar para isso dia e mês, podendo-se também, usar verba destinada a uma edição, em português e francês, do diário de viagem, fornecendo-lhe eu um documento de compromisso".

Com o sucesso da exposição da história da fotografia, feita a publicação de que, no suplemento literário editado pelo ESTADO DE S.PAULO em 12 de agosto de 1973, se desincumbiu Bóris Kossoy, houve o acerto entre o Professor Bardi e o bisneto de Hércules Florence, no sentido de que se faria a exposição das reproduções dos desenhos e mais dos quadros existentes no MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, popular e historicamente conhecido por MUSEU DO IPIRANGA, mediante concessão que se pediria ao digno Diretor desta muito nobre casa, Professor Antônio Rocha Penteado, personalidade das de maior expressão em nossos meios culturais. Deliberou-se, igualmente, que o Professor Bardi oficiaria ao Embaixador da URSS em Brasília, rogando seus favores para que a Academia de Ciências de Leningrado, cedendo, por empréstimo, os desenhos de Amado Adriano Taunay e Hércules Florence, que lá se encontram, colaborasse para a concretização, aqui, de celebrações à altura do histórico acontecimento.

A 6 de setembro, logo seguinte, providenciou-se a remessa do ofício firmado pelo Professor Bardi, do mesmo passo que se desenvolviam, com a recomendável discricção, e na medida do possível, as atividades indicadas para se removerem quaisquer contratemplos ou empecilhos.

Já em 25 de julho, Arnaldo recebera em Campinas carta em que o Professor Pietro Maria Bardi confirmava a disposição do MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO em organizar em 1975--sesquicentenário da significativa ocorrência que foi a saída, do Rio de Janeiro, dos

cientistas e artistas que compuseram a Expedição LANGSDORFF—uma ilustrativa e bem documentada mostra com que se comemoraria tal evento.

Dando curso, no que lhe competia, aos preparativos para a planejada celebração, o bisneto de Hércules visitou o Professor Rocha Penteado, aqui no MUSEU PAULISTA, na tentativa de obter, por empréstimo, os indispensáveis quadros.

Generosamente acolhido, ouviu do Professor Penteado, após minucioso relato sobre tudo o quanto se objetivava com a exposição a realizar-se no MUSEU DE ARTE, que, com o maior prazer, ele, Diretor do MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, daria sua plena cooperação à idéia concebida pelo Professor Bardi, e que esta instituição, tão cara a todos os paulistas, não só poria à disposição de seu ilustre colega as telas desejadas, mas todo o material fotográfico considerado necessário. Ao dizer isso, entretanto, o Professor Penteado ponderou:—"O Sr. não acha que essa exposição ficaria mais a propósito aqui no Museu Paulista, uma vez que esta é a casa onde se trata dos assuntos históricos? De qualquer maneira, não tenho a menor dúvida em colaborar com o Professor Bardi. Poderemos fazer uma coisa grandiosa, com repercussão nacional e internacional, promovendo-se o comparecimento das autoridades e personalidades de relevo, corpo consular e elementos diplomáticos e culturais dos países que estiveram representados na expedição científica".

O interlocutor respondeu que iria, imediatamente, pôr o Professor a par da sugestão, o que de fato ocorreu.

Compreensivo e cavalheiresco, o Professor Bardi concordou com o alvitre e disse que, na realidade, a exposição deveria ter por sede o MUSEU PAULISTA, local, nesse caso, mais adequado, já que o MUSEU DE ARTE se destinava, predominantemente, a exposições específicas e não às de fundo histórico.

Um telefonema foi, a seguir, base de encontro que se verificou, no dia seguinte, nesta nobre casa, entre os Professores Penteado e Bardi, este, acompanhado do bisneto de Hércules, encontro em que, depois de cuidadosos entendimentos, se decidiu designar o MUSEU PAULISTA como local da exposição em perspectiva, bem como de todas as festividades celebrativas do sesquicentenário da Expedição LANGSDORFF, realizações programadas para 3 de mês que ora expira, quando se lançaria a tradução completa do diário de viagem elaborado por Hércules Florence, a ser editado sob os auspícios do MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

Passados alguns meses, chegou a São Paulo o Professor Valentim G. Alioshin, adido da Embaixada da URSS (Assuntos Culturais) em Brasília, o qual, em nome do embaixador, vinha pessoalmente trazer a resposta do ofício que lhe encaminhara o Professor Pietro Maria Bardi

tro Maria Bardi e, aproveitando a oportunidade, entregar um exemplar do livro recentemente editado na União Soviética, sob o título MATERIAIS DA EXPEDIÇÃO G.I. LANGSDORFF NO BRASIL, lançamento de 1973, volume que, por intermédio do Diretor do MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO "ASSIS CHATEAUBRIAND", se pôs em mãos do Professor Antônio Rocha Penteado, que, por sua vez, o confiou a Arnaldo, para dele, quase que todo redigido em russo, com não poucas anotações em francês e alemão, bem assim um resumo geral final vazado no português possível a quem o escreveu, auferir as informações que se apresentassem como de maior proveito.

Como o Professor Bardi informara ao adido cultural da embaixada soviética ter passado para a alçada do MUSEU PAULISTA o assunto atinente à exposição e às demais comemorações requeridas pelo sesquicentenário, o Professor Alioshin deu-se pressa em manter direto contacto com o Professor Penteado, com quem nesta casa dialogou por algum tempo, quando lhe assegurou que os originais existentes na Academia de Ciências de Leningrado, lamentavelmente, não poderiam de lá sair, mas que viriam cópias fotográficas, acrescentando que seu governo teria muita satisfação em poder contar com a presença pessoal, não só dos diretores dos museus aqui patrocinadores das celebrações, mas também com a de um representante da família de Hércules em Leningrado, ao comemorar-se, lá, a partida da Expedição LANGSDORFF, ocasião em que se realizariam exposições de desenhos e pinturas originais de Taunay e Florence, encontráveis naquela cidade, e, desde que fosse viável, também dos aqui existentes na posse das respectivas famílias. Nesse ensejo, os comparecentes, previamente convidados, profeririam palestras ou conferências sobre Langsdorff e seus companheiros, reservado a Hércules o lugar a que faz jus.

Isto posto, passemos ao assunto que basicamente motiva este ato:

Em 3 de setembro de 1975, fez 150 anos que Georg Heinrich von Langsdorff, Barão von Langsdorff, notável naturalista e médico alemão, membro da ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE SÃO PETERSBURGO, Encarregado dos Negócios e Cônsul Geral da Rússia no Brasil, partiu do Rio de Janeiro, por mar, para Santos, à frente da comissão de cientistas e artistas que tinham por escopo, sob a proteção do "Czar" Nicolau I, percorrer os imensos sertões do Brasil, recolhendo todo material comprovadamente valioso nos domínios da botânica, zoologia, geografia, história, etnografia, economia, estatística, lingüística, etc., para servir de inestimáveis fontes de estudo da natureza, economia e cultura de nosso País, no

começo do século XIX.

Vida rica de empreendimentos em inteira harmonia com a sua extraordinária cerebração, que cedo o pôs a serviço dos elevados objetivos da ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE SÃO PETERSBURGO (atual ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LENINGRADO), Langsdorff, em função deles, depois de se haver afirmado como médico, inicialmente em sua pátria, a Alemanha, e, a seguir, em Portugal, onde pôde demonstrar sua envergadura, participou de importantíssimas expedições científicas praticamente pelo mundo inteiro, nas quais se evidenciou como etnógrafo e zoólogo de excepcionais méritos e antes, muito antes de passar a representar a Rússia como seu cônsul geral no Rio de Janeiro, entrou em contacto com a terra e a gente brasileira, afeiçoando-se de tal forma ao nosso País, que, brevemente, passou a desenvolver nos principais centros europeus entusiástica propaganda desta por ele tida como privilegiada região da América.

Buscando atrair para aqui grande quantidade de imigrantes, sua linguagem na campanha sobre as excelências oferecidas por esta parte do mundo, pode medir-se por enunciados como estes: "...A imaginação mais rica e mais feliz e a mais perfeita das línguas criadas pelo homem, sequer de longe pode dar idéia da extensão dos tesouros e magnificências desta natureza" ou "Quem quer que anseie por motivos poéticos---que vá ao Brasil, pois ali a natureza poética responde a seus pendores. Qualquer pessoa, inclusive a menos sentimental, se deseja descrever as coisas como elas são ali, se transforma em poeta."

Acalentadíssimo plano seu, que afinal acabou apresentando à ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE SÃO PETERSBURGO, a realização da expedição científica pelo interior do Brasil, nos termos expostos logo acima, recebeu, em 1821, o patrocínio do então "Czar" Alexandre I, que a custeou com seus recursos pessoais, encargo honrado--após a morte desse soberano em 1825--pelo seu sucessor, o já citado Nicolau I.

E Langsdorff, assim solidamente apoiado, convidou para tomarem parte em seu grande cometimento o oficial de marinha russo Nestor G. Rubzoff, altamente apreciado, como astrônomo, pelos célebres navegantes seus patrícios G.A. Sarytchev e V.M. Golovnin; o zoólogo francês E.P. Ménériès (1802-1861), aluno do sábio Georges Cuvier e do naturalista André Latreille, um dos fundadores da entomologia; o insigne botânico alemão Ludwig Riedel (1790/ ou 1794-1861) e o caçador G.W. Freyreiss (1789-1825), estes dois últimos já com longas viagens em que palmilharam o território brasileiro e, finalmente, o talentoso desenhista e pintor alemão Johann Moritz Rugendas, equipe que prestou a Langsdorff muito assinalado concurso, no período compreendido entre 1822 e 1825, quer no reconhecimento da Província do

do Rio de Janeiro, perlustrada em diversas direções, quer em grande excursão pela de Minas Gerais, de que se remeteu para a Rússia bom material, acompanhado de desenhos de Rugendas.

Quando, porém, em 3 de setembro de 1825, se deu a saída do Rio para Santos, a fim de se preparar o incomparavelmente maior de todos os percursos programados, que começou pelo rio Tietê (o lendário Anhembi ou Anhambi), com ponto de, argada no porto, por excelência, das bandeiras e das monções paulistas, acertadamente cognominado Porto Feliz, o quadro de componentes da expedição já não era o mesmo: falecido o caçador Freyreiss, estavam já desligados do escolhido conjunto o zoólogo Ménétriers e o artista Rugendas, um e outro espontaneamente afastados, por nutrirem outros projetos; teve o primeiro, como substituto, o zoólogo e médico alemão Christian Hasse, passando a fazer as vezes do segundo o também talentoso desenhista e pintor/ Aimé Adrien Taunay filho do eminente Nicolas Antoine Taunay, o "pintor das batalhas", um dos elementos de maior craveira que Joaquin Le/Breton trouxe consigo, na comissão artística mandada vir por D. João VI, para a criação da Escola Nacional de Belas Artes. Para desempenho de mister semelhante ao de Aimé Adrien Taunay, com vistas ao setor de iconografia, altamente estimável para a finalidade da Expedição LANGSDORFF, contratara-se, finalmente, outro desenhista e pintor francês, Antoine Hercule Romuald Florence, que no Brasil permeneceu conhecido simplesmente por Hércules Florence.

Designado pelo chefe da expedição, enquanto os companheiros viajavam por outros setores da província paulista, Hércules Florence procurou, em Porto Feliz, o cirurgião Francisco Álvares Machado e Vasconcellos, homem de bastante prestígio na localidade e nas circunvizinhanças, renome esse granjeado graças a sua reconhecida habilitação profissional, que muito contribuiu para transformá-lo em político de realce, com atuação de liderança nas fileiras do Partido Liberal, ao lado de, entre outros, Vergueiro, Veijó, Antônio Carlos, Tobias e Paula Sousa.

Álvares Machado acolheu Hércules Florence em sua casa, como hóspede, até a partida da expedição, e deu de si o máximo, nos preparativos do extenso e demorado reide, quase que exclusivamente fluvial, que ali se iniciaria, rumo ao Mato Grosso. Não mediu esforços para que se cnstruíssem em curto prazo as embarcações requeridas, um batelão e bom número de barcos menores; também não os mediu, quanto ao mais perfeito aprovisionamento, relativamente a guias, pilotos, ajudantes de pilotos, caçadores, remadores e gente de transporte de cargas, assim como promoveu a formação de estoques de gêneros alimentícios essenciais, medicamentos e ma-

terial para defesa contra possíveis agressões, porquanto a empreitada ia ter incalculável duração, estando sujeita a toda sorte de ricos.

O dia do início da penosa e temerária excursão pelos virgens sertões a serem enfrentados, chegou afinal e, nesse 22 de junho de 1826, deu-se a largada da comissão científica e artística chefiada pelo Barão Georg Heinrich von Langsdorff, cujo barco ostentava o pavilhão da Rússia imperial.

Antes desse acontecimento, porém, já também se tinha desligado da expedição o zoólogo e médico Christian Hasse. Hércules Florence, na intimidade de Francisco Álvares e sua companheira Cândida Maria de Vasconcellos Barros, conhecera a única filha deles, a adolescente Maria Angélica, cujos dotes o sensibilizaram. De igual forma, o cientista alemão impressionara-se com a figura da filha de Álvares Machado, e esta foi a razão por que resolveu quedar-se em Porto Feliz. Deliberara desposá-la, mas esse projeto frustrou-se, porque, consultada pelo pai, a quem o pretendente formulou o pedido de casamento, não vacilou a jovem em responder que só se casaria com o segundo desenhista às ordens de Langsdorff, isto é, Hércules Florence.

A grande excursão fluvial, começada ao meio-dia desse 22 de junho de 1826, ali na antiga e histórica Araritaguaba (primitivo nome de Porto Feliz, estendeu-se pelos rios Tietê, Paraná, Pardô, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuaiabá, num percurso de 530 léguas, ou seja bem mais de 3.000 quilômetros, em período que se desdobrou da citada data até 30 de janeiro de 1827, vale dizer 6 meses e 8 dias.

Da capital da Província de Mato Grosso, executadas várias digressões pelo território dessa dilatadíssima região, e vencida mais uma etapa de tempo expressa por 11 meses de estada, os expedicionários reiniciaram viagem, no dia 5 de dezembro de 1827, com destino ao Grão-Pará, divididos em dois grupos, sendo certo que Langsdorff, Rubzoff e Florence navegaram os rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajós, reservando-se Riedel e Taunay o percurso dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira. Nas águas do primeiro desses rios, desafortunadamente Taunay, ao tentar atravessá-lo em circunstâncias pouco propícias, encontrou a morte, submergindo, sem a mínima possibilidade de socorro. Tão talentoso moço era irmão de Félix Taunay, eruditíssimo preceptor de D. Pedro II e pai de Alfredo d'Escragolle Taunay (Visconde de Taunat), uma das cintilações intelectuais e culturais brasileiras, assim como avô do preclaro historiador Afonso d'Escragolle Taunay, autor de quase uma centena de obras, notadamente a monumental História Geral das Bandeiras, todas elas subidamente qualificadas, tanto assim que, num congresso de especialistas realizado nos Estados Unidos, o classificaram entre os 10 maiores histo-

riadores do mundo, a quem, até hoje, seus colegas se referem carinhosamente pelo epíteto de "mestre".

A grave enfermidade contraída por Langsdorff na primavera de 1828, a qual, não só lhe afetou, na fase mais intensa, as faculdades mentais, como lhe deixou, pelo resto da existência, intermitentes seqüelas dessa lamentável manifestação de avaria psíquica, motivou, em janeiro de 1829, uma reunião na cidade de Belém do Pará, em que todos os componentes do agrupamento de cientistas e artistas por ele chefiados concordaram em dar por encerrado o grandioso plano, cuja realização ele se propusera, em termos de tal sorte ambiciosos, que incluía, até, um prolongamento pela Venezuela e por outros países de língua castelhana.

Em março desse mesmo ano, estavam todos de volta ao Rio de Janeiro. E Hércules Florence cuidou imediatamente de por-se em contacto pessoal com Félix Taunay, a fim de o inteirar de minúcias do infortúnio que lhe arrebatara a vida do esperançosíssimo irmão, ocasião em que deixou com o amigo, mentor e patricio muito ulustre 84 páginas, escritas em letra miudíssima, com anotações que serviram de base para Florence elaborar seu precioso diário de viagem da expedição, enfeixado num manuscrito de 423 páginas, em poder da família, volume em que outrossim se descrevem circunstanciadamente os múltiplos inventos da autoria de Hércules, a que, ao cabo de porfiadas pesquisas, ele chegou em épocas posteriores a 1830, quando já com residência estabelecida em Campinas, onde viveu aproximadamente 50, porquanto lá faleceu em 27 de março de 1879.

O livro recentemente publicado na União Soviética, sob o título MATERIAS DA EXPEDIÇÃO G.I.LANGSDORFF, um de cujos exemplares, de 228 páginas, o Sr. Valentim G.Alioshin, entregou ao Professor Rocha Penteado, contém anotações de real significação, como a que segue, voltada para ilustres viajantes que no século passado, vindos do exterior, andaram por todos os recantos do Brasil:

"A comparação do itinerário da expedição de G.I.Langsdorff com os itinerários das viagens de J.Mawe, J.Luccock, W.L.von Eschwege, M.Wied Neuwied, Auguste de Saint-Hilaire, J.E.Pohl, J.B.Spix e K. Ph.Martius e outros, mostra a sua novidade e originalidade. Em oito anos de viagens, Langsdorff e seus companheiros passaram (sic) mais de 15 mil quilômetros."

Oficialmente, na Rússia Imperial e, depois, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, sempre se considerou como de 8 anos a duração do empreendimento levado a cabo por Georg Hainrich Heinrich von Langsdorff, nascido em abril de 1773, no principado alemão de Pfaltz, diplomado doutor em medicina em 1797, pela Uni-

versidade de Goetingen, e falecido em Friburgo (Bragau), a 29 de junho de 1852, com a idade de 78 anos, e que, não obstante a sua condição nacional de alemão, figura, na citada publicação russa, com o nome eslavo de Grigòry Ivanovitch Langsdorff. Em Leningrado e Moscou, dá-se 1821 como ano de início da expedição, quando o "Czar" Alexandre I a tomou sob sua égide, que, em 1825, Nicolau I considerou sua, até o final da imensa jornada, em 1829. Sem embargo disso, em fins de agosto e começos de setembro deste ano, lá houve comemorações, alusivas ao sesquicentenário da saída, no dia 3 de setembro, do Rio de Janeiro, pois russos moradores de Campinas ouviram, pelo rádio, repetidas notícias, a esse respeito, veiculadas especialmente de Leningrado.

Outras anotações reunidas no resumo final do citado livro de edição russa, oferecem o mesmo interesse, pelo que se lerá a seguir:

"A expedição de Langsdorff começou a ser estudada nos anos 1875-1876, quando o escritor brasileiro Alfredo Tainay (sic) publicou, traduzindo-as do francês ao português as notas do pintor Florence. No fim do século XIX-começo do XX, os desenhos dos pintores da expedição atraíram a atenção dos etnógrafos americanistas. Estes desenhos foram mencionados pelo conhecido viajero alemão K.von den Stein e o (sic) sábio suíço G.Ten Kate.

Em 1917, o etnógrafo russo G.G.Manizer (1889-1917), reunindo os materiais referentes à expedição, escreveu o livro A EXPEDIÇÃO DO ACADÊMICO G.I.LANGSDORFF AO BRASIL (1821-1828). A Manizer interessavam, em primeiro lugar, as notas de Florence, publicadas por Alfredo Taunay, os desenhos dos participantes da expedição e as coleções etnográficas que se encontravam no Museu de Antropologia e Etnografia da Academia de Ciências. A morte de Manizer em junho de 1917 impediu a publicação do seu livro".

Com efeito, o cientista G.G.Manizer teve sua atenção despertada pela abundância do material existente no MUSEU "PEDRO, O GRANDE", da então Academia de Ciências de Petrogrado, material esse com a referência, ainda pouco significativa, de "Langsdorff". Em decorrência disso, veio Manizer, entre 1914 e 1915, ao Brasil, aqui recolheu esclarecimentos indispensáveis à compreensão do que foi exatamente o valioso cometimento científico e, utilizando-se, em sua maior parte, do diário de viagem redigido por Hércules Florence (tradução do Visconde), escreveu, de volta à Rússia, seu mencionado livro, postumamente editado mercê da dedicação da etnógrafa B.G.Chprintsin, e isto ocorreu em 1948. Osvaldo Peralva traduziu-o e, em 1967, portanto, há oito anos, a Companhia Editora Nacional de São Paulo pô-lo

ao alcande do público brasileiro, em sua coleção "Brasília", em que a obra figura como o volume nº 329. Na apresentação do livro, feita pelo tradutor Peralva, nota-se logo este tópico:

"O único relato conhecido da expedição é o do desenhista Hércules Florence, publicado, em tradução do Visconde de Taunay, na revista do Instituto Histórico Brasileiro, volume XXXVIII, relativo a 1875, posteriormente publicado em volume da Companhia Melhoramentos de São Paulo, fartamente ilustrado, e com prefácio de Afonse d'E. Taunay. O texto original francês apareceu em diversos números da revista da Sociedade Científica de S. Paulo, em 105. Na revista alemã "Globus", Karl von den Stein publicou trechos dele em artigos sobre Florence, incluindo ilustrações".

Nesse livro, G.G. Manizer, além de apoiar-se à vontade no diário escrito pelo segundo desenhista, que, depois do triste desastre do rio Guaporé, ficou sendo o único da expedição, faz contínuas alusões à seriedade científica e fidelidade expressional de seus desenhos. Tal como Rugendas e Taunay, ambos pertencentes a famílias de pintores de categoria na Alemanha e na França, Hércules Florence era, pelo lado materno, um Vignaly, gente que deu um Jean Baptiste, uma Cécile, um Claude e um Arnaud de Vignaly, bem como um Fortuné e um Philibert Florence, artistas, todos, de reconhecidos recursos, o último dos quais professor de desenho e pintura, com alunos como princesas das casas reais britânica e austríaca, bem como a que se converteu em Rainha Guilhermina da Holanda, mãe da atual soberana. O palácio do Principado de Mônaco está repleto de trabalhos deles.

O resumo que finaliza o livro trazido pelo Sr. Alioshin, enriquecido por reproduções de desenhos de Rugendas, Taunay e Florence, absolutamente inéditos no Brasil, que de todos os três artistas já conhece muitos outros, encerra mais estas palpitantes informações:

"Nos anos 20, a expedição atraiu o interesse dos homens de ciência soviéticos. Em 1926, V.G. Bogoraz-Tan, etnógrafo e lingüista, apresentou ao XXII Congresso internacional de americanistas em Roma uma informação sobre as expedições russas na América do Sul, em que se refere também à expedição de Langsdorff. Em 1928, J.D. Strelnikow falou sobre a expedição de Langsdorff no XXIII Congresso Internacional de Americanistas.

Em 1930, o colaborador científico do arquivo da Academia de Ciências da URSS, Modzlavesky, descobriu o arquivo da expedição de Langsdorff. Para o estudo desse arquivo, contribuiu consideravelmente a especialista em etnografia N.G. Chprintsine (1904-1963). Nos seus artigos e outras publicações, dedicadas à vida e costumes dos índios e negros do Brasil no começo do século passado, figura uma série de materiais etnográficos, manuscritos dos participantes da

viagem. Em 1948, Chprintsine publicou o livro de Manizer, dedicado à expedição de Langsdorff. N.G.Chprintsine e a lingüista O.K.Vasilieva-Chwede, estudaram e descreveram os materiais lingüísticos da expedição. Nos anos 60-70, foram publicadas obras de B.N.Komissarov, dedicadas ao estudo dos materiais da expedição, como fonte histórica.

O interesse pelos materiais da expedição, fora da União Soviética, foi ligado, nos últimos decênios, à nova edição do manuscrito de Florence por primeira vez em 1875-1876, e ao estudo dos desenhos do membro da expedição.

No presente livro, publicam-se perto de 800 descrições de documentos da expedição, que se guardam na Filial de Leningrado do Arquivo da Academia de Ciências da URSS, no Arquivo da política exterior da Rússia (Moscou), no arquivo central da marinha militar da URSS (Leningrado), no Arquivo central histórico da URSS (Leningrado). Pode-se afirmar que esta descrição reflecte todos os materiais da expedição, hoje conhecidos, que se encontram na União Soviética.

A manuscrito de H.Florence, que se descreve na primeira parte, surgiu já depois de terminada a expedição, nos anos 1824-1830, na base de um diário do pintor, que até agora foi impossível encontrar. As notas de H.Florence, publicadas nos anos 1875-1876, foram escritas na base do mesmo diário, mas muito mais tarde, em 1855-1860. A cópia leningradense do diário de H.Florence contém informações importantíssimas sobre a história e a etnografia do Brasil nos anos 20 do século XIX, e é incomparavelmente mais próxima do original, apresentando, por isso, um valor científico muito mais alto do que a publicação de Alfredo Taunay.

Os materiais da expedição do académico G.I.Langsdorff são uma preciosa fonte para o estudo multilateral do Brasil no nome do século passado. Mas de todos os materiais manuscritos da expedição---em total de mais de 2000 folhas---foram publicadas somente algumas dezenas de folhas. O estudo desses materiais leva à conclusão da necessidade de sua publicação completa. O Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética, nos últimos anos, realiza trabalhos preparativos para facilitar a edição dos documentos da expedição de G.I.Langsdorff. A publicação da presente descrição científica é uma das etapas desta complicada tarefa!

Para se ter uma idéia do que representa esse acervo, atente-se para o que ficou expresso no discurso proferido pelo Professor Vinício Stein Campos, Diretor do Serviço de Museus do Estado de São Paulo e um dos expoentes da cultura patriciana, ao inaugurar, a 13 de outubro de 1968, no MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO DAS MONÇÕES, em Porto Feliz, a Sala EXPEDIÇÃO LANGSDORFF: o Padre Clemente da Silva Nigra, conspícuo Diretor do MUSEU DE ARTE

SACRA DA BAHIA, encontrando-se em Leningrado, ouviu de respeitável personalidade cultural que a Academia de Ciências abrigava uma das mais reputadas coleções etnológicas e iconográficas de que se tinha notícia e, visitando o edifício dessa instituição, nele foi conhecê-la como a constituída pelo magnífico acervo da Expedição LANGSDORFF, distribuído por cinco salas.

O diário de Hércules Florence, que o livro de recente publicação na União Soviética menciona como de paradeiro ignorado, observação essa encarecida pela advertência de que nele há "informações importantíssimas sobre a história e a etnografia do Brasil nos anos 20 do século XIX", acaba de ser inteiramente traduzido, porque sua publicação será ponto alto do programa comemorativo da expedição, a 22 de junho de 1976, celebração essa que assinalará o sesquicentenário do começo do maior roteiro entre todos os considerados objeto da atenção dos cientistas e artistas em ação sob o patrocínio de dois imperadores da Rússia, quando se fincou, no esquema das realizações de primazia, o marco da partida de Porto Feliz.

Esse diário, em verdade, apresenta muitos e muitos aspectos que não se encontram no esplêndido labor literário que é a tradução empreendida pelo Visconde de Taunay. Como se sabe, este pôs em português as 84 páginas de anotações que Hércules Florence, em 1829, ao voltar da grande viagem, confiara a seu pai.

Quem chamou a si a tradução desse diário, agora em sua totalidade, está em vias de concluir um levantamento de toda a descendência do artista e inventor, em que também se cogita pormenorizadamente de ancestralidades, trabalho que se executa em cumprimento de honroso encargo dado, em setembro de 1968, pelo Professor Vinício Stien Campos, Diretor do Serviço de Museus do Estado de São Paulo, em deferente visita à residência da pessoa em causa, oportunidade em que assim, significativamente, o ilustre visitante lhe fez sentir como era vista, no cenário cultural de São Paulo, a presença de Hércules Florence naquele notável empreendimento que de 1825 a 1829 se desenvolveu pelos imensos sertões brasileiros.

Aproveita-se o feliz ensejo deste ato, para render-se, com toda a gratidão, homenagem à memória do ínclito escritor Alfredo d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay), e de seu egrégio filho, o magistral historiador Afonso d'Escragnolle Taunay, ligadíssimo a esta muito querida instituição que é o MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE SÃO PAULO, de que foi Diretor por longos anos; homenagem extensiva à memória de ESTÊVÃO LEÃO BORROUL, escritor do melhor estofa, biógrafo que projetou a figura de Hércules, de quem era patrício, por ter também nascido em Nice e, finalmente, à memória do provento his-

1926 a 1930, o nosso Presidente da República, Dr. Washington Luís Pereira de Sousa, que, tanto como Prefeito desta Capital, quanto como Presidente do Estado de São Paulo, distinguuiu as figuras históricas de Hércules Florence e seu sogro, Álvares Machado, com o seu mais absoluto apreço.

Esta homenagem colhe, também, em cheio, as pessoas dos Professores Dr. Antônio Rocha Penteado, Pietro Maria Bardi e Vinício Stein Campos, individualidades culturais cuja expressão dispensa qualquer encarecimento. Significa-lhes ela o reconhecimento de toda a família pelo muito que têm feito, para que se continue e mais avultes tão frutífera ação, decidida e benemerentemente levada por diante, por seus tão ilustres antecessores.

Entre os inúmeros trechos ainda desconhecidos e agora traduzidos do diário de Hércules Florence, não resisto à tentação de trazer para aqui os seguintes, o primeiro dos quais uma conceituação merecedora de assentar-se aqui em suas exatas expressões, tais quais ele as lançou no papel, em sua própria língua, relativamente à estatura de três culminantes brasileiros, naturais de Santos, que capital importância tiveram nos sucessos anteriores ao 7 de Setembro de 1822, e nos subsequentes—os irmãos José Bonifácio de Andrada e Silva, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva e Martim Francisco Ribeiro de Andrada:

"Santos a vu naître aussi les célèbres Andrada, qui ont fait l'Indépendance du Brésil, et se sont distingués toute leur vie, par leur courage et leurs vertus politiques, leur patriotisme, leur science, et leur vaste erudition. Ils étaient trois frères, qui, après avoir gouverné l'Empire, sont morts à peu près dans la pauvreté!"

Como vêem, nada retrata melhor a grandeza dessa trindade de expoentes dos valores humanos que asseguraram ao Brasil a sua independência.

Tal como seu patrício Auguste de Saint-Hilaire, que chamou os bandeirantes paulistas de "raça de gigantes", assim se arrebatava Hércules Florence na manifestação de seu assombro pela estupenda contribuição que eles proporcionaram ao engrandecimento territorial do Brasil, transformado, basicamente graças a eles, num continente de quase 8.600.000 quilômetros quadrados:

"Leur audace alla au point d'obliger la cour de Madrid à faire de réclimations auprès de celle de Lisbonne, objectant que les Paulistes menaçaient de pénétrer jusqu'à l'Océan Pacifique. C'est à eux que le Brésil doit son immense extension vers l'Ouest".

sugestivo e retrato que Hércules Florence traça daquele que iria ser seu sogro, morador de Porto Feliz, aonde iria vê-lo pela primeira vez:

"Já nessa cidade, atravessei lentamente a sua longa rua, montanhosa e deserta, pavimentada de cascalho. O sol dardejava seus raios a prumo sobre minha cabeça. Finalmente, chego à casa de Francisco Álvares. Sai um homem para me receber: tem o rosto claro, mas descorado, e os olhos um tanto encovados, particularidade que, sensivelmente acentuada por uma cercadura violácea, contribuía para emprestar-lhe aos traços fisionômicos aspecto rebarbativo. Seus cabelos ^{negros} e anãados sobre a fronte pálida, em que alguma coisa se podia ler, temperavam, porém, a reserva inspirada por seus olhos: era o excelente Francisco Álvares.

Já desde esse dia me tratou como se eu fosse da família: livros franceses, instrumentos de física, a calma perfeita que se desfrutava na cidadezinha e, mais do que tudo isso, sua companhia, sua palestra variada, viva, ligeiramente mordaz, versando todos os assuntos. Sua casa e seu jardim davam para uma breve encosta, a cujo pé corre o Tietê; aí se descortina uma planície ampla, onde o rio, serpenteante, foge para o sertão. Numerosa sociedade dos bons habitantes desta cidade, brasileiríssima e liberal, todos os dias, à mesa, e a toda hora. Tudo isto fez de minha permanência em Porto Feliz uma época de felicidade de que raramente gozei.

Que saudades tenho desse tempo, saudades de Francisco Álvares a recitar-me Camões, Francisco Manuel e Bocage, além de muitos outros!... Os versos desses grandes poetas, sobretudo Camões, tomavam em seus lábios, pelo acento e inflexão da voz, feição que despertava em mim uma fibra até então desconhecida. Eu lera nossos melhores poetas franceses e deles só compreendera o drama; não sentira a poesia. Francisco Álvares me fez amar a poesia portuguesa; direi melhor a Poesia. Somente depois que o conheci, senti prazer em ler Dante, Petrarca e Tasso. Todavia, Lamartine, o Poeta do Exílio e de toda alma sofredora, revelou-me mais tarde que a língua francesa, talvez menos fácil, podia, habilmente manejada, tornar-se, pouco a pouco, tão flexível e calorosa quanto as línguas do sul europeu."

Já em plena viagem, alma de artista, Hércules Florence, desenhista e pintor, mas também escritor nato e poeta, assim revela seu assombro ante a majestade de famosíssimo salto, que ansiava enormemente por conhecer:

"Dentro de dois dias, íamos ver o salto de Avandava, de que os guias já nos estavam falando e, em Porto Feliz, nos falara Francisco Álvares. Maravilha do sertão, somente conhecida de uns raros negociantes, insensíveis aos primores da natureza, limitavam-se nos-

sos guias, ao mencioná-la, a discorrer com minúcias sobre as dificuldades que teriam de enfrentar para transpor a titânica massa de água em queda.

Felicitava-me por estar prestes a contemplar o Avanhandava, como um novel iniciado nos mais recônditos segredos dos homens e, fazendo minha a fecunda imaginação dos gregos, já concebia a ciosa divindade desses lugares, figurando-a como uma beldade severa e, ao mesmo tempo, atraente, assentada em rochedos, toda rodeada de branco e rodeada de escuro verdor.

Começamos a ouvir um rumor surdo, que nos dá a impressão de uma tempestade muito ao longe! esse rebôo anuncia-nos a queda do Avanhandava. Ao ultrapassarmos a cachoeira do Avanhandava-mirim, o ruído cresce impressionantemente, e percebemos o vapor branco que se levanta da catara. O maior silêncio nos é recomendado por nossos guias, que rumam para o mais perto possível da margem direita do rio, a fim de atingir o porto, localizado nessa banda. Nenhum perigo há, se se observarem tais precauções, mesmo no caso de uma falsa manobra, pois seríamos barrados por um recife que se situa na cabeça da catarata, à direita, no qual se baseia o porto, aonde chegamos sem acidente.

Deixamos as embarcações e metemo-nos por um varadouro: caminho largo e escuro, que penetra pela selva e vai ter à parte baixa da cascata, utilizado para por ele se arrastarem barcos, assim como para o próprio transporte de cargas.

À esquerda, e através das folhas, enxergamos uma alvura fulgurante. Nossas vozes desaparecem sob o barulho, que lembra o de intermináveis trovões, o do vento, o da chuva, confusão esta em que sons eólios se misturam.

Domina-nos sensibilidade em tudo e por tudo religiosa. Caminhamos pelo corredor do templo e ouvimos o órgão do Senhor. Soava tudo isso, como um solene hino, uma voz do deserto, atestando a grandeza de Deus.

Após havermos vencido 400 passos, saímos finalmente da floresta e desembocamos numa esplanada de granito. Desta, descortinamos o Avanhandava em toda a sua extensão, o que vale dizer uma das vistas mais belas entre quantas, no mundo, deslumbram.

Grandioso em seu conjunto, o Avanhandava oferece minudências que ninguém se cansa de admirar. Reúne o belo e o terrível: ao longe, as duas cascatas, cujo movimento se esquia à vista, mas cascatas que dão origem à idéia da confusão, das agitações violentas e da morte. Mais próximo, o belo anfiteatro, que um rio de leite inunda, transformado em encantadoras cascatinhas; sob elas distribuem-se degraus circulares de granito; escadas circulares descem de seus



ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARQUIVOS DIGITAIS

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence ao Instituto Hercule Florence ou a instituições parceiras. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a autenticidade e a integridade da fonte, não realizando interferências digitais além de ajustes de contraste, cor e definição.

1. Utilizar este documento apenas para fins não comerciais

Os textos e as imagens publicadas no IHF Digital são de domínio público, porém seu uso comercial não está autorizado. Alguns textos e imagens provêm de instituições parceiras e somente poderão ser utilizados após consulta (contato@ihf19.org.br).

2. Créditos

Ao utilizar este documento, você deve dar o crédito ao autor (ou autores), ao IHF Digital, ao acervo original e ao autor(es) da reprodução/tratamento digital. Solicitamos que o conteúdo não seja republicado na rede mundial de computadores (internet) sem prévia autorização do IHF e/ou da instituição parceira.

3. Direitos do autor

No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Se você acreditar que algum documento ou imagem publicada no IHF Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (contato@ihf19.org.br).

4. Responsabilidades

O IHF reserva-se o direito de alterar o conteúdo do site, sem necessidade de aviso prévio, assim como rejeita qualquer responsabilidade pela utilização não autorizada do conteúdo deste site por terceiros.